

## AS NARRATIVAS ETIOLÓGICAS COMO PERPETUAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA

Heloísa Reis Curvelo<sup>31</sup>

Luciara Dutra Ferreira<sup>32</sup>

**RESUMO:** Os períodos históricos conhecidos como *Descobrimiento* em que, tanto a Coroa Espanhola, em 1492, com o explorador Cristóvão Colombo, quanto a Coroa Portuguesa, em 1500, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, dominaram durante muitos séculos em regiões predominantemente povoadas por povos indígenas das Américas Central, do Norte e do Sul. Nesse cenário de exploração e subjugo, os Impérios dos Incas, Maias e Astecas foram afetados a partir da ação dos espanhóis, porém legaram influências que até hoje podem ser contempladas através de sua literatura e hábitos de plantio, de vida, de contato com a natureza, de forma geral. A ação de conservar a memória cultural das civilizações americanas originárias contribuiu para que haja uma notável relação entre a religiosidade e a natureza dentro das narrativas orais utilizadas pelos indígenas a partir do que afirmamos, ressaltamos a importância que o estudo dos mitos/relatos/lendas etiológicas indígenas possuem, para que conheçamos a origem dos elementos antropoculturais e naturais a partir deles. Dessa forma, para este estudo, delimitamos as lendas etiológicas do Paraguai (Mandioca, Urutau, Ka'á Iary) e da Amazônia Brasileira (Mandioca, Uirapuru, Curupira), em que descrevemos como os elementos etiológicos presentes nas narrativas transparecem as relações existentes entre espiritualidade, respeito à natureza e seus elementos, manutenção da cultura na memória coletiva. Nosso aporte teórico-metodológico baseia-se em pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa e utiliza, principalmente, obras de Bayard (2002), Campbell (1949, 1991), Eliade (1972), Montesino (2019), Gómez Platero e Palma Ehrichs (2011).

**PALAVRAS-CHAVE:** Mitos Etiológicos; Literatura Indígena paraguaia; Literatura brasileira; Lendas.

**RESUMEN:** Los períodos históricos conocidos como *Descubrimiento* en los que tanto la Corona española, en 1492, con el explorador Cristóvão Colombo, como la Corona portuguesa, en 1500, bajo el mando de Pedro Álvares Cabral, dominaron durante muchos siglos regiones predominantemente pobladas por pueblos indígenas de Centro, Norte y Suramérica. En este escenario de exploración y sometimiento, los Imperios de los Incas, Mayas y Aztecas se vieron afectados por la acción de los españoles, pero legaron influencias que aún hoy se pueden apreciar a través de su literatura y hábitos de siembra, vida, contacto con la naturaleza, en general. La acción de conservar la memoria cultural de las civilizaciones originarias americanas contribuyó a una notable relación entre religiosidad y naturaleza dentro de las narrativas orales utilizadas por los pueblos indígenas. Con base en lo expuesto, destacamos la importancia del estudio de los mitos/cuentos/leyendas etiológicas indígenas, de modo que conozcamos el origen de los elementos antropoculturales y naturales a partir de ellos, por ello, para este estudio, delimitamos las leyendas etiológicas del Paraguay (Mandioca, Urutau, Ka'á Iary) y de la Amazonia brasileña (Mandioca, Uirapuru, Curupira), en el que describimos cómo los elementos etiológicos presentes en las narrativas revelan las relaciones entre espiritualidad, respeto por la naturaleza y sus elementos, mantenimiento de la cultura en la memoria colectiva. Nuestro aporte teórico-metodológico se basa en una investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, utilizando principalmente trabajos de Bayard (2002), Campbell (1949, 1991), Eliade (1972), Montesino (2019), Gómez Platero y Palma Ehrichs (2011).

**PALABRAS CLAVE:** Mitos Etiológicos; Literatura Indígena paraguaya; Literatura brasileña; Leyendas.

<sup>31</sup> Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: [hrc.matos@ufma.br](mailto:hrc.matos@ufma.br)

<sup>32</sup> Graduada do Curso de Letras/Espanhol Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: [luciara.dutra@discente.ufma.br](mailto:luciara.dutra@discente.ufma.br)

## INTRODUÇÃO

O hábito de contação de histórias é um traço marcante na Literatura Indígena, no qual há respeito pelas rodas de conversa e constitui-se uma tradição que perpassa às épocas, fomentando a conservação da produção coletiva de narrativas. Essas produções literárias, embora sejam muito férteis, adquirem elementos de maneira intercultural, o que é uma situação provocada pela oralidade, pois mesmo mantendo os seus padrões, não é vista como algo invariável, podendo sofrer variações e interferências. A literatura oral é entendida como uma vertente de cunho pioneiro, visto que para sua reprodução, basta-se a atividade de reprodução através da fala.

O cenário de apagamento cultural é exemplificado pela interferência dos espanhóis nas culturas dos povos, Incas, Maias e Astecas na região do Paraguai, México, Equador e adjacências, onde houve uma represália forçada no que tange à identidade desses indivíduos. No Brasil, da mesma forma, no entanto com a presença dos portugueses no período conhecido na história como “Descobrimento”. Seja pela ação de Cristóvão Colombo ou por Pedro Álvares Cabral, as interferências produzidas por essas culturas inferiram mudanças nos hábitos das primeiras civilizações, o que interpelou sua cultura.

Assim, nos tópicos seguintes do trabalho estão dispostos os procedimentos metodológicos usados para a realização da pesquisa, com o objetivo de apresentar como aconteceu e a motivação acerca da preferência dos materiais bibliográficos selecionados. Além disso, posteriormente está disposto o embasamento teórico, seguido das análises das lendas selecionadas como *corpus* do trabalho, respectivamente: A lenda da Mandioca “*El fruto de um amor imposible, alimento eterno*”; “*Urutau: El llanto lastimero y la eterna espera del amor perdido*”; “*Ka’a Iary: La protectora de yerba mate y de los montes*”; lenda da Mandioca; lenda do Uirapuru e lenda do Curupira. Posterior às análises, situam-se as considerações finais apresentando os resultados obtidos, além das referências bibliográficas ao final.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossos procedimentos metodológicos são pautados na pesquisa bibliográfica em obras impressas que trazem um compilado de lendas latino-americanas, mas necessariamente, obras escritas em língua espanhola, portuguesa ou mesmo edições bilingues, uma vez que descreveremos os elementos etiológicos presentes em narrativas de povos que compartilham a mesma realidade espaço-geográfica quanto a condição de terem sido colônias de povos europeus. Nossa pesquisa tem cunho qualitativo uma vez que pretendemos, com a coleta bibliográfica, fazer a descrição dos elementos de natureza antropocultural e naturais presentes em mitos/lendas/relatos/narrativas etiológicas que sobrevivem no imaginário coletivo dos povos autóctones até hoje. Essas que possuem muitas versões, modificando-se a depender do lugar onde ela sobreviveu.

Diante do que expusemos, a pesquisa bibliográfica em livros impressos de língua espanhola deu-se, impreterivelmente, em Montesinos (2019) e Gómez Platero (2011). A opção pela coleta de dados na primeira obra deu-se em virtude de: (i) o autor trazer a lenda em sua versão integral, (ii) ser evidenciado que são relatos pertencentes à cultura popular indígena; (iii) em cada lenda ter agregada a elas, informações adicionais referentes a outras versões das lendas, assim como a ocorrência delas em outros âmbitos, como a música.

Em Gómez Platero (2011), temos 17 lendas amazônicas brasileiras escritas em espanhol e português. A obra valoriza a literatura oral brasileira a partir da homenagem ao quinto centenário do nascimento de Francisco de Orellana, explorador espanhol que descobriu o Rio Amazonas, dessa forma, *Leyendas de la Amazonia brasileña* está ilustrada com desenhos de Tito Mendes, artista brasileiro contemporâneo. As autoras ressaltam que, entre os objetivos do livro, figuram: (i) a publicação de um volume que contemple a preservação do folclore local; (ii) a divulgação da riqueza cultural da Amazônia; (iii) um passeio mágico e real pela alma do povo amazônico. É interessante pontuar que a obra foi pensada, também, para ser explorada em sala de aula, por isso conta com propostas didáticas para o trabalho efetivo com as lendas.

No que se refere às categorias de análise das paraguaias (Mandioca, Urutau, Ka'a Iary) e brasileiras (Mandioca, Uirapuru, Curupira), utilizaremos os seguintes elementos que devem figurar em toda lenda/narrativa/mito etiológico, a saber: (i) a **gênesis** ou origem de algo: que pode ser do universo, mundo, seres, objetos, animais, plantas, peixes, rochas, montanhas, rios, mares; (ii) **os eventos inexplicáveis** da vida/existência humana, como os costumes, origens de alguma etnia, uma tribo, elementos antropoculturais, os fenômenos naturais, como a chuva, luz, vento, fenômenos raio, cataclismo, meteorológico ou dos fenômenos sobrenaturais dos submundos em que vivemos ou do mundo dos deuses e seres malignos, como os elementos da espiritualidade/crendice); (iii) a **natureza dicotômica**, isto é, a presença de elementos e/ou personagens que se contrapõem: vida vs morte, criação vs destruição, bem vs mal, deuses vs seres malignos; (iv) a **reconciliação dos polos antagônicos/opostos** numa tentativa de mostrar que o bem sempre vence o mal ou que mitigam a angústia por eles gerada; (v) a **moral implícita** para persuadir pelo senso comum, de onde se justifica sua caracterização próxima ao que entendemos como fábulas, uma vez que pertencem a um fantástico sistema de crenças ou cosmogonia popular que nos chega, muitas vezes pela oralidade e de forma lúdica.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As Literaturas Pré-colombianas são entendidas como manifestações literárias que já existiam antes da interferência do Descobrimento e Conquista da América do Sul. Os povos originários que habitavam tanto as regiões como do México, Peru, Bolívia, Equador e etc. detinham uma enorme cultura sociopolítica e literária, cujas foram suprimidas após o evento de sobreposição da cultura espanhola, efetivando o apagamento forçado dessas tradições. Dentre essas civilizações, destacam-se três: Astecas, Incas e Maias. A civilização Asteca possuía como idioma próprio, a língua *náhuatl*. A sua literatura é composta por poemas sacros, líricos e religiosos. Em se tratando da civilização Inca, eles desenvolveram uma rica literatura baseada em lendas, narrações de caráter histórico-mitológico, inclusive representações dramáticas, na grande maioria recuperadas por cronistas. Ademais, a civilização constituída pelos Maias foi uma cultura que alcançou reconhecimento de excelentes matemáticos e

astrônomos. É importante ressaltar que o calendário maia era considerado mais exato que o europeu na época. Esses povos tradicionais, mencionados acima, atuaram de maneira significativa, influenciando avanços sobre a agricultura, religião e política. Além disso, sua cultura, que foi marcada pela presença de religiões distintas, mitos, lendas, culinária, hábitos e literatura, trouxe marcas e influências para os povos onde esteve tão presente.

A Literatura Indígena, caracterizada como a produção literária que é formada e produzida verdadeiramente por indígenas, traz em sua composição não somente os moldes para uma boa produção escrita, mas uma ferramenta importante para trazer à tona as ideias, crenças, mitos, saberes e valores dessas comunidades. É, em sua originalidade, composições culturais que transmitem imaginários de outras épocas, pois configura-se como um grande livro formado por diversas vozes. Nesse ínterim, é necessário ressaltar o diálogo que pode ser desenvolvido em parceria com a Etiologia, vertente do conhecimento que visa pesquisar e entender a determinação das causas e origem de determinado elemento. Assim, a partir do entendimento que essas duas áreas podem andar em complemento, a fim de uma servir como método de análise para outra, é prioritário conceber as definições de Mito e Lenda, assim como sua importância, também a relação que esses termos possuem com o folclore existente na cultura literária dos povos indígenas, o que veremos a seguir.

Em Bayard (2002), temos um detalhado estudo histórico e analítico acerca da origem das lendas. Em sua obra, o autor busca apresentar a evolução das lendas, bem como suas características constituintes, além de exemplos específicos de tais narrativas. O “folclore mundial” apresentado pelo autor, representa os pensamentos e ideias de um povo em determinado período da história, significando assim, um estudo da humanidade que vislumbra trazer à tona e explicar fatos, concepções morais e individuais. A lenda por ele conceituada, é tida como “um precioso documento: ela exala a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimento que nos comove mais do que a rigidez cronológica de fatos consignados” (Bayard, 2002, p. 8). Assim, entendemos que as lendas indígenas se constituem um elemento fundamental para a manutenção identitária de sua cultura, e por isso a importância de seu estudo.

Em se tratando das definições e diferenciações das narrativas, o autor escreve e

designaa lenda como “produto inconsciente da imaginação popular” (Bayard, 2002, p. 10), o que constatamos com a permanência desse imaginário no passar das gerações, mesmo que não hajaa escrita desse folclore, situação que ocorre predominantemente nos povos tradicionais indígenas. O mito, para o autor, é como uma forma de lenda, em que os personagens humanosse tornam divinos, em que as ações são sobrenaturais e irracionais. Desse modo, ele evoca queas categorias de lenda e mito tendem a se entrelaçar, pois ambas são produto da literatura coletiva dos povos, nas quais as pluralidades culturais se relacionam.

Outro importante nome que busca trazer à tona questões ligadas à mitologia, éCampbell. Em sua entrevista com Bill Moyers, em que se denomina “O poder do mito” (1991).O autor a firma que, atualmente, os indivíduos não estão interessados pela “literatura do espírito”, e por isso ficam tão distantes de seu próprio interior, despejando as preocupações e energias com os fatos exteriores, com os problemas à fora. Tratando mais assertivamente sobrea sua definição, Campbell (1991) conceitua os mitos como “pistas para as potencialidades da vida humana” (p. 17) complementa dizendo que “o mito o ajuda a colocar sua mente em contato com a experiência de estar vivo.” (p. 18). Nesse contexto, ele fomenta a busca pela leitura e busca dos mitos de outros povos e religiões, para que a mente adentre à experiência de vida.

O mesmo autor, em sua obra “O Herói de mil faces” (1949), traz em sua composição a exploração e análise de distintos mitos que circulam no mundo, onde procura encontrar elementos semelhantes que estão presentes nessas histórias. O autor busca investigar e estudar acerca do conceito de monomito, que designa “uma estrutura narrativa atuante tanto em mitos e histórias ao redor do mundo que conta a jornada do herói, sendo um padrão que é repetido em distintas e variadas épocas e culturas pelo mundo.”<sup>33</sup>. O objetivo da obra é defender a ideia de que todos os mitos, sejam lá de onde forem, como africanos, indianos, possuem uma verossimilhança e são próximos.

Outro autor que possui ideais e teses acerca do mito é Mircea Eliade. Em sua

---

<sup>33</sup> Jornada do Herói (Monomito): o que é, os 12 estágios e exemplos. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/jornada-do-heroi-monomito-o-que-e-os-12-estagios-e-exemplos/>

obra “Mito e Realidade” (1972), o autor contempla “a importância do mito vivo”, em que faz um apanhado geral sobre a significação do mito para diversas perspectivas, desde os conceitos de “real” e “ilusão”. Desse modo, ele busca entender o mito nas sociedades tradicionais onde ele é vivo, que agrega valor e significado para a conduta humana. Assim, para ele, o conceito de mito está atrelado a um fato sagrado, e sendo ele sacro, torna-se verdadeiro, ressalta também a questão do mito cosmogônico, que se refere à origem e criação do mundo, pois a própria existência do Mundo faz prova sobre si. Dessa forma, Eliade (1972, p. 9) assevera que

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

Segundo Eliade (1972), o mito, de acordo com a vivência de sociedades arcaicas, possui algumas funções, entre elas: a constituição de ações de Entes Sobrenaturais, a existência de uma história sagrada e verdadeira, que o mito é sempre a explicação sobre a existência e criação de algo e etc. Os mitos são os padrões simbólicos universais da experiência humana. O autor também destaca que, tendo em vista o crescimento da racionalidade no mundo, a mitologia foi suprimida por um olhar mais atípico, em que o homem deixa a misticidade distante, apontando que corrobora com a elucidação de Campbell citada anteriormente, em que a “literatura do espírito” está em caráter de apagamento. Além disso, nesta obra, observa-se um trabalho estimar a importância do mito para as sociedades e para a construção identitária dos povos.

A partir de todo aparato teórico exposto, encontramos as noções que, apesar de algumas distinções, são complementares, pois ambas entendem a importância de estudar e conhecer os mitos para a evolução humana, pois é um folclore que conta a história dos povos, das razões da vida humana, da origem de tudo, da identidade dos indivíduos e da relação a questões subjetivas. Apesar da modernidade e da distância provocada pela racionalidade, em qualquer religião ou ideia que seja filiada, é perceptível os diálogos verossímeis que são constituídos em lendas/mitos/narrativas, pois os seres humanos possuem um imaginário que está entremeadado através da história,

dos movimentos migratórios, da dominação de povos sob outros, tudo isso corrobora para que, mesmo divergentes, exista uma semelhança entre esses mitos e tudo que eles simbolizam para as sociedades.

As lendas, sejam folclóricas, urbanas ou mitológicas, são narrativas que buscam a materialidade da cultura, no qual o consciente e inconsciente coletivo fomentam o seu papel importante para a identidade. A partir disso, concebemos a definição de mito etiológico que “são narrativas que buscam explicar a origem ou causa de determinados fenômenos, objetos, lugares ou comportamentos. Muito presentes nas mais diversas culturas ao longo da história da humanidade, esses mitos têm como objetivo fornecer uma explicação simbólica e mítica para aspectos da realidade que não podem ser compreendidos de forma racional”.

Por isso, visando trazer análises de cunho etiológico, mitológico e cultural, a referida pesquisa busca traçar e identificar os elementos da Etiologia das lendas paraguaias de *Ka'a Iaryou* lenda erva-mate, lenda do *Urutau* ou ave do emenda-toco, e da lenda da Mandioca, também, das brasileiras, especificamente da Amazônia, lenda da Mandioca, lenda do Uirapuru e lenda do Curupira, a fim de ressaltar os elementos que contribuem para a manutenção cultural e identitária dos povos indígenas, visando a exibição de seus saberes e a valorização que é devida, ademais, delinear as relações que existem entre as narrativas, sendo elas frutos de uma literatura coletiva interpelada pela história e inconsciente dos indivíduos das sociedades indígenas.

## AS NARRATIVAS ETIOLÓGICAS COMO PERPETUAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA AMÉRICA LATINA

### A LENDA PARAGUAIA DA MANDIOCA

A lenda da Mandioca “*El fruto de um amor imposible, alimento eterno*” faz parte da obra “*Leyendas y Creencias populares del Paraguay*” de Montesino (2019), é composta de quatro páginas e possui, em seu final, esclarecimentos a fim de complementar a compreensão da narrativa, mostrando outras versões da lenda apresentada e também dados importantes para o leitor. A lenda é iniciada narrando o

sentimento de temor a que uma indígena chamada Mandi estava sujeita, pois pertencia a uma tribo (*Marahyva*) em que o contato com homens era muito restrito, e temendo as consequências ruins que a serpente devoradora poderia atribuí-la, tentava fazer de tudo para tirar o homem a quem amava de sua mente. A tribo de mulheres a que Mandi pertencia tolerava o contato com os homens apenas uma vez por ano, especificamente com os indígenas da tribo *Guakara*. Nesse dia as mulheres que não estavam consagradas a lua adormeciam a serpente que guardava as portas do *Pindoráma* e recebiam os homens para a “*jornada del amor*”.

*Mbo-rotúva* é o nome do jovem indígena a quem Mandi amava, e apesar de ele ser integrante da tribo *Guakara*, eles não podiam se relacionar pelo fato de Mandi já ser consagrada à lua. Mesmo só tendo trocado olhares uma vez, já foi o suficiente para enraizar esse amor proibido no coração de ambos. Chegado o dia para acontecer a jornada do amor entre as tribos, *Mbo-rotúva* sentia em seu coração que sua amada apareceria, o que de fato aconteceu, ela de alguma forma conseguiu despistar as anciãs que a guardavam e conseguiu encontrar-se com seu amor à beira de um rio. Com o objetivo de viver esse amor impossível, *Mbo-rotúva* convidou Mandi para fugir com ele pelo rio, utilizando uma canoa. Porém, temendo por sua vida, diz a ele que jamais poderiam escapar da serpente devoradora, ela tinha em seu coração o sentimento de que já estava condenada pelo amor proibido. No entanto, diferentemente do que Mandi pensava, o que a matou não foi a serpente, mas a tristeza e a decepção pelo amor não vivido. Seu amado, porém, desapareceu após ser perseguido pela serpente. A narrativa conta que Mandi nunca pertenceu à lua, mas a *Mbo-rotúva* desde o momento em que cruzaram os seus olhares.

A indígena Mandi foi enterrada ao lado dos pertences que mais gostava, e após algum tempo, no lugar em que foi enterrada surgiu uma planta que até então não era conhecida, as *Marahyva* chamaram de “*mandi`óga*” servindo de homenagem a jovem indígena que partira. A planta possuía raízes muito fortes e vistosas, e após o desaparecimento das *Marahyva*, os Guaranis herdaram a raiz e utilizavam como alimento em toda tribo, eles atribuíram o nome à raiz de *Mandi`o*, também homenageando a jovem indígena apaixonada que segue renovando-se dia após dia na

mesa dos indígenas.

A lenda apresentada está escrita de maneira clara e objetiva, é uma narrativa que mostra de maneira fantástica, o surgimento da raiz que conhecemos no Brasil como: mandioca, aipim, maniva, a depender da região em que está. Em sua composição, é possível claramente encontrar a presença de elementos dos Mitos Etiológicos, pois há fortemente a influência da religiosidade em sua temática. A impossibilidade de amor trazida pela lenda é resultado de uma crença em que Mandi já estava consagrada à lua, e por isso não poderia relacionar-se com outro homem, nem mesmo na noite reservada para tal. Além disso, a presença da personagem da serpente evoca a vertente Sobrenatural da narrativa, que é uma das características dos Mitos Etiológicos. Além de existir para proteger as portas do Pindorama, a serpente desenvolvia um papel de punidora caso as leis estabelecidas na tribo fossem desobedecidas, o que também está relacionada à presença da espiritualidade, pois instiga a obediência a um ser superior. Ademais, a lua também evoca a temática da espiritualidade e do divino, pois ao Mandi estar consagrada a ela, atribui-se a característica de transformar um elemento da natureza, sob a perspectiva da cultura indígena, em uma divindade. E, assim, o elemento central que atesta a relação entre a referida lenda com os Mitos Etiológicos é a explicação da origem da mandioca, atribuindo uma visão fantástica e sobrenatural sobre seu surgimento.

Assim como o amor de Mandi por *Mbo-rotiva* não pôde ser contido apesar das circunstâncias, da mesma forma são as raízes da mandioca que crescem de maneira fortificada e constante, representando um amor proibido que cresceu no mais difícil cenário e foi perpetuado pelo nascimento da mandioca.

#### LENDA A LENDA PARAGUAIA DO URUTAU OU AVE DO EMENDA-TOCO

A lenda do “*Urutau: El llanto lastimero y la eterna espera del amor perdido*” também faz parte do agrupamento de lendas presentes da obra de Montesino (2019) “*Leyendas y Creencias populares del Paraguay*”, é uma narrativa apresentada em cinco páginas e, assim como a lenda anterior, possui em seu final um compilado de

dados que reforçam as informações presentes na lenda, também contendo outras versões da mesma narrativa.

Em resumo, a lenda conta a história do amor proibido de dois indígenas de tribos distintas, *Uriti*, filha de *Arake*, chefe da tribo Guarani, e *Jaguarainga*, de uma outra tribo não mencionada. Além das tribos serem diferentes, a liderada pelo chefe *Arakare* subjugava a tribo de *Jaguarainga*. Certo dia, *Uriti* aguardava ansiosamente seu amado no lugar onde costumavam se encontrar às escondidas, e após um atraso significativo de *Jaguarainga*, ele chega para a felicidade dos dois. No entanto, durante esse encontro, o pai de *Uriti* aparece e acaba vendo sua filha com o indígena da tribo rival, o que lhe desagradou muito. Decidido a oficializar aquela união, *Jaguarainga* não se intimida com as declarações de *Arakare* e declara o seu amor por *Uriti*. Com a resposta negativa de *Arakare* para aquela união, a relação entre ele e o amado de sua filha fica ainda mais difícil após uma certa ameaça de *Jaguarainga*, referindo-se ao poder que poderia ser retirado da tribo rival com as ações impensadas de seu líder.

Após o retorno para a tribo, o pai de *Uriti* decide ofertar a virgindade de sua filha aos espíritos em um ritual para obtenção de proteção e prosperidade para a tribo, porém, durante a celebração, *Uriti* acaba desmaiando e todos observam aquilo como um sinal ruim. No mesmo ambiente, um jovem indígena foi encontrado nas árvores, era *Jaguarainga* tentando proteger sua amada. Após sua descoberta, o indígena foi sentenciado à morte, a condenação deveria ser assistida por *Uriti*. Porém, após despertar do desmaio, *Uriti* vendo a situação de perigo em que seu amado estava, ela preparou uma bebida que fez a todos adormecerem e desprende o indígena das cordas que o amarravam. Eles fogem, no entanto, uma comitiva de guerreiros armados invade o local onde estavam escondidos e são levados presos à tribo de *Arakare*, onde os dois seriam mortos. *Uriti* seria devorada por serpentes, porém o seu pai a perdoou após ouvir conselhos dos grandes sábios, já o seu amado foi morto em pedaços em sua frente, e mesmo com os gritos de *Uriti* para que aquela situação acabasse, isso não deteve o seu pai.

Posterior a terrível situação vivenciada, *Uriti* decide ir embora e sua mãe a

segue, deixando o chefe dos Guaranis, seu pai, para trás. Os deuses, observando o sofrimento de *Uriti* após perder seu grande amor, decidem transformá-la em um pássaro noturno que chora todas as noites e descansa durante o dia, e sua mãe é transformada em uma árvore onde o Urutau, pássaro que *Uriti* se transformou, pousa durante o dia. Com o seu canto estridente, o *Arakare*, chefe da tribo e pai de *Uriti*, não conseguia dormir. E, além da tribo perder posses e poder, ele envelheceu e morreu sozinho, ouvindo o terrível canto do Urutau todas as noites da sua vida e até depois de morto.

A presente narrativa está recheada de simbologias que permeiam o folclore indígena. As temáticas de valorização ao saber dos mais velhos, representada pela orientação recebida por *Arakare* para perdoar sua filha, a relação entre o misticismo entre a ameaça de *Jaguarainga* e a concretização posterior, todos esses aspectos que corroboram para a identidade da literatura indígena que conta sobre si e perpetua sua identidade. Em Montesino, (2019, p. 47) vemos que “Arakare perdona la vida de Uriti aconsejado por los avaros... Las señales de desastre para la tribu de Arakare, aquellas que Jaguarainga le había anticipado em el primer encuentro, no se hacen esperar”.

Além disso, a maneira como são tratadas as questões religiosas, especificamente do ritual em que *Uriti* foi submetida e depois desmaia, demonstra a sensibilidade do indígena que ali estavam presentes, em que logo observaram a situação como o presságio de que algo ruim aconteceria. Novamente, assim como constatamos na grande maioria das lendas indígenas, a presença da religiosidade e da forte influência que ela desempenha na vida dos integrantes da tribo. A presença dos espíritos em consonância com as ações reprováveis do líder *Arakare*, demonstram a superioridade com que se é enfrentada a espiritualidade no ambiente onde a crença é tão valorizada. Desse modo, os Mitos Etiológicos dialogam com a referida lenda no que tange aos seus elementos sobrenaturais e da maneira divina que foram criados tanto o pássaro Uirapuru, como a árvore em que ele repousa. É evidente a relação de compaixão dos deuses que ao observarem o sofrimento de *Uriti*, decidem transformá-la em um ser que poderálamentar pela morte de seu amado, e não só isso, mas que irá punir, com o seu canto estridente, a quem colaborou para tal atrocidade, o seu pai. Além

de ser uma lenda que mostra a origem do pássaro Uirapuru, ela serve como lição para o que não fazer, pois tudo o que se planta, colhe.

Além de seus aspectos etiológicos, a lenda do Urutau corrobora com a ideia da semelhança que os mitos podem ter, pois em sua composição encontram-se correspondências com a lenda da região Norte do Brasil, especificamente da Amazônia, a lenda do Uirapuru. Embora sejam narrativas construídas a partir do imaginário indígena, elas não são iguais, mas contam de maneira distinta o surgimento de um mesmo elemento, o pássaro Uirapuru.

Na lenda amazonense, o pássaro Uirapuru é criado também a partir da interferência de uma divindade, o deus Tupã, e diferentemente da lenda paraguaia, ele possui um dos cantos mais belos do que todos os outros pássaros, pois quando canta, todos os outros prestam atenção ao seu canto. Já na lenda paraguaia, o pássaro é criado não por um, mas vários deuses, e o seu canto não é belo, mas estridente, que incomoda e atormenta. Além disso, ele não é um pássaro diurno, mas noturno.

Ademais desses aspectos conflitantes, a própria história que permeia seu surgimento não é igual, mas as razões porque ele foi criado, sim. Em ambas as narrativas, tanto a do Paraguai quanto da Amazônia, o pássaro Uirapuru surge após a impossibilidade amorosa da personagem feminina, essa que lamenta constantemente por não poder viver com seu amado são contempladas pela sobrenaturalidade em suas vidas. Outro fato importante é que na lenda de origem paraguaia, além da transformação de *Uriti*, a sua mãe também muda para uma forma de elemento da natureza, ela é transformada em uma árvore. Na lenda amazonense, a mesma situação, pois devido ao choro incessante de Oribici, surgem uma fonte e um lago. Assim, com a leitura das duas lendas, podemos observar a universalidade dos mitos apresentados, em que um mesmo elemento recebe diversas formas de simbologia, ambas importantes e que devem ter o seu valor devido, pois a pluralidade da Literatura Indígena é um dos fatores que a tornam tão valiosa como tal.

A lenda de “*Ka’a Iary: La protectora de yerba mate y de los montes*” também faz parte da compilação de lendas existentes na obra de Montesino (2019). A narrativa é apresentada em seis páginas e, assim como as lendas anteriormente analisadas, possui uma escrita de fácil compreensão e uma nota informativa ao final.

A narrativa conta a história de mineiros que trabalham colhendo a erva-mate, e, após um dia de árduo trabalho, realizam uma pequena reunião para dialogarem e também compartilhar relatos, histórias e lendas que levam em suas memórias. Nesse grupo de trabalhadores, há dois que recebem destaque, pois são novatos, Júlio e *Taní*. Em um local mais afastado, eles ouvem atentamente as histórias que os colegas de serviço contam, e com o objetivo de colocar à prova a lenda de *Ka’a Iary* contada pelos veteranos, resolvem, sem que o outro saiba, levantar à noite e ir à igreja a fim de declarar sua fidelidade ao ser sobrenatural responsável pela proteção das ervas que eles trabalham colhendo. Feito isso, *Taní* leva um papel com seu nome e data e o deixa na plantação, ação reproduzida também por Júlio, sem que ambos soubessem.

No domingo, *Taní* vai à plantação e recolhe o papel que havia deixado, e logo apareceu seu primeiro desafio, um tigre que queria atacá-lo, porém em seguida surge uma serpente que ataca o felino, logo após começam a surgir macacos, escorpiões, papagaios. Apesar do cenário de medo em que *Taní* estava sujeito, ele permaneceu fiel a sua fé e não se amedrontou com aquela situação, essa que surpreendente teve o seu fim. Chegado o término daquela confusão, *Ka’a Iary* aparece e comprova que ao permanecer fiel à sua fé, *Taní* havia vencido a sua prova, e como resultado receberia proteção e ajuda na colheita da erva-mate. No entanto, para que isso ocorra, *Taní* não poderá envolver-se com outra “mulher” e deve a sua lealdade à Protetora. Após *Taní* retornar para onde estavam todos os mineiros, procurou por seu amigo Júlio para ir à missa, porém não o encontrou. Depois de procurá-lo novamente, encontrou seu amigo morto, então ele percebeu que seu amigo também havia sido posto à prova, porém, infelizmente, não obteve êxito como ele, pois sentiu medo e teve sua fé abalada, resultando na sua morte.

A lenda demonstra, de maneira alegórica, o hábito da contação de histórias entre os indígenas, onde são formuladas rodas de conversas e os mais velhos ensinam os mais novos, visando a manutenção da tradição e dos saberes que tornam os povos originários como um dos mais ricos, devido a sua pluralidade religiosa e identitária. Tratando mais especialmente sobre os elementos constituintes da lenda, tem-se como personagem principal a divindade *Ka'a Iary* que atua com grande veemência em sua atividade de proteger a floresta e os devotos fiéis que colocam sua fé diante dela. Essa divindade representa a característica etiológica dos mitos, pois é um Ser Sobrenatural, que possui uma grande influência para os que creem nela e constitui uma relação de troca (fé/proteção), como podemos averiguar em Montesino, (2019, p. 40): “Note acerques, tu sinceridad me ha traído hasta aquí y aquí estoy para protegerte. Celebro que estés junto a mí y desde ahora estaré a tu lado. Hay una sola condición que deberás cumplir y segurarme ya sabes cuál es...”

Além disso, os Mitos Etiológicos apresentam a existência de personagens da natureza em suas lendas, o que pode ser exemplificado pelos animais que aparecem para provar a fidelidade de *Taní* para *Ka'a Iary*. Dessa forma, observa-se a junção de elementos da fauna e flora em se tratando das narrativas, comumente também associados à religiosidade predominante das narrativas indígenas. Além disso, partindo da ideia de que há um grande respeito dos indígenas pela natureza, assim como demonstrado na referida lenda e também na lenda da Mandioca do mesmo autor, por exemplo, entendemos que esses elementos são parte também da cultura desses indivíduos, e por isso a presença tão marcante em sua literatura, além da culinária. A perda de fé e fidelidade apresentadas pela lenda, possuem uma consequência. Para Júlio, foi a morte, e para *Taní*, a proteção. Assim, observa-se também a influência que os povos indígenas sofreram ao estar em contato com o catolicismo, em que constantemente há dualidades, como: céu e inferno; medo e coragem; fé e descrença, o que pode ter contribuído para a formulação dessa narrativa.

#### A LENDA BRASILEIRA/AMAZÔNICA DA MANDIOCA

A lenda da Mandioca está inserida na obra denominada “*Leyendas de la*

*Amazonia Brasileña*” (2011), que é composta por uma compilação de lendas Amazônicas, especificamente indígenas, atividade realizada por Ana María Gómez Platero e Victoria PalmaEhrichs em parceria com a embaixada da Espanha no Brasil, tendo como objetivo a propagação da Literatura Oral da Amazônia Brasileira, a fim de valorizar o folclore local. A obra conta com ilustrações e está escrita de maneira bilíngue (Português/Espanhol).

Posterior a essa introdução, a narrativa inicia e conta que havia uma família composta por um cacique já envelhecido, possuía mais de cem anos, que era casado com uma indígena também já idosa, eles eram pais de uma bela filha, caracterizada como maravilhosa e radiante como o Sol. Era uma jovem que gostava de cantar cantigas de guerra e de amor, muito talentosa com as mãos, fazia belas redes de repouso e vistosos cocares com pena de animais para os guerreiros da tribo. No entanto, em um certo dia, a indígena descobriu que estava grávida e contou ao seu pai, homem bastante respeitado na aldeia. Após receber a desaprovação de seu pai e cacique com a notícia, a indígena ficou muito triste e começou a chorar. Observando a situação em que a filha estava, o cacique empenhou esforços para encontrar o pai da criança, no entanto, quando chegou o dia do parto, um certo homem de aparência misteriosa surgiu e contou ao cacique que sua filha havia engravidado ainda estando virgem e que ele seria avô de uma linda menina, alguém que traria muitas alegrias para a tribo, e ao tentar conversar com esse mensageiro misterioso, o cacique não mais conseguiu encontrá-lo, pois havia sumido.

Passado um ano, a pequena Mani crescia com alegria e muita leveza, porém em determinado dia acabou ficando doente. Por mais que tentassem, o motivo da doença de Mani não era descoberto, o que acabou resultando em sua triste e precoce morte. A menina foi enterrada perto da aldeia em meio aos rituais indígenas, em que, segundo a tradição, as mulheres indígenas iam todos os dias regar o local com a água do rio. Essa atividade acontecia porque Mani faleceu antes de completar seus dois anos de idade.

No entanto, de maneira surpreendente e para a felicidade de todos os indígenas da tribo, brotaram algumas folhas e uma suntuosa planta com grossas e fortes

raízes do lugar onde Mani estava enterrada. Posteriormente, foi descoberto que, após cozidas, essas raízes transformavam-se em um delicioso e nutritivo alimento. Após a realização do Grande Conselho Tribal, que contava com a participação tanto do avô como da mãe de Mani, a planta acabou recebendo o nome de maniva em sua homenagem. A planta pode ser consumida de diversas formas, transformada em aguardente, farinha e goma. É uma raiz que compõe diversos pratos típicos indígenas, e acredita-se que no fio que aparece quando a mandioca é cozida, está localizado o espírito de Mani.

A narrativa apresentada possui uma linguagem clara e é de fácil compreensão, além de possuir muitos detalhes e possibilitar a aproximação do leitor com o cenário narrado. A lenda da mandioca é uma importante fonte literária para o estudo dos mitos etiológicos, pois detém elementos e características que ressaltam essa linha teórica, como a presença de um personagem, esse que não tem o nome citado, que surge misteriosamente e some logo após cumprir sua “missão”, a de mensageiro, que pode ser entendido como um ser sobrenatural. Além desse aspecto, a lenda corrobora para explicação do surgimento da mandioca, pois explica, misticamente e de maneira sobrenatural, o surgimento da planta. Segundo Eliade (1972, p.9), os mitos têm o objetivo de trazer à tona o caráter sobrenatural do surgimento de algo, o que acontece na lenda da Mandioca de maneira evidente, pois é um evento celestial uma planta surgir a partir da morte de alguém e de onde essa pessoa está enterrada, é algo para além da racionalidade, mas que dialoga com a misticidade, segundo os preceitos defendidos por Eliade(1972, p. 9):

Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora, e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’ de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje.

Através da leitura da referida lenda, concebemos como é a visão dos indígenas acerca do surgimento da maniva, que faz parte de uma literatura local/oral, pertencente aos povos originários e mantida/transmitida com o passar das gerações. Apesar de no início, a morte de Mani representar algo ruim, logo após o nascimento da mandioca o seu falecimento recebe uma nova simbologia, o renascimento. Gómez; Palma (2011, p.

31), por exemplo, afirmam que “Segundo a tradição indígena, naquele fio que encontramos quando cozinhamos a mandioca, é aproveitada das folhas às raízes, e é considerada um verdadeiro símbolo de alegria e de total abundância”.

É necessário inferir que a imersão dos povos indígenas a esses mitos “vivos” que permeiam sua realidade, revelam a importância da religiosidade para a manutenção de sua identidade universal, pois ao estarem em constante diálogo com sua espiritualidade, a experiência mística traz o reforço para seguirem com suas crenças, a fim do bem-estar da coletividade onde estão inseridos.

Partindo do pressuposto apresentado por Joseph Campbell em sua obra “O Herói de mil faces” (1949), as lendas, ainda que apresentem questões mitológicas de diversas religiões, seguem o princípio da universalidade dos mitos, pois embora as narrativas sejam constituídas e reproduzidas em ambientes distintos, possuem verossimilhança em seus traços. Desse modo, é possível identificar semelhanças nas lendas da Mandioca do Paraguai e da Amazônia, pois além de tratarem acerca do mesmo elemento, a raiz da mandioca, atribuem a sua origem através da morte de um personagem, seja ele de Mani, a pequena indígena que morreu em circunstâncias misteriosas antes mesmo de completar seus dois anos de idade, e Mandi, jovem indígena que morreu após a tristeza de não conseguir viver o seu amor proibido. Ambas as lendas ressaltam o aspecto do ressurgimento desses personagens ao aparecimento da mandioca, representando sua continuidade em outro plano. Além disso, a presença da religião é muito forte nas duas lendas, evidenciando o envolvimento de seres sobrenaturais ao cotidiano do indígena, como exemplificado na aparição da serpente e do seu caráter punidor, também da relação entre a lua e as jovens consagradas a ela, do surgimento de um mensageiro misterioso no dia do nascimento de Mani. Assim, evidencia-se a tese de que os mitos dialogam, o que pode ser explicado pela questão fronteiriça entre Paraguai e Brasil, além de ambas as origens das lendas seja do rol da Literatura Indígena.

A LENDA BRASILEIRA AMAZÔNICA DO UIRAPURU

A lenda do Uirapuru, assim como a anterior, está inserida no rol de narrativas pertencentes a obra *“Leyendas de la Amazonia Brasileña”* (2011) mantendo a sua estrutura de iniciar comentando sobre os aspectos do pássaro uirapuru, que é reconhecido como um dos que possui o canto mais belos no Brasil. É uma ave pequena, porém de um “talento” que faz com que os outros pássaros da floresta silenciem enquanto ele canta. Possuindo essas características, o Uirapuru é tido como um ser sobrenatural, isso deve-se também ao significado do seu nome na língua tupi, que significa “pássaro que não é pássaro”. Além de ser reconhecido pelo seu canto, é uma ave que, após sua morte, torna-se um precioso amuleto da sorte, que traz prosperidade e sorte no amor.

A lenda do Uirapuru inicia contando que, no Sul do Brasil, havia uma tribo indígena em que o cacique era muito amado por duas belas mulheres, porém só poderia casar-se com uma. Buscando então a sua esposa, o cacique impôs que casaria apenas com aquela que possuísse a melhor pontaria. As duas concorrentes aceitaram o desafio, e atirando suas flechas, somente uma conquistou a vitória, então casou-se com o cacique. A outra indígena, chamada Oribici, ficou muito triste por não ter conseguido casar-se com o homem a quem amava, chorando incessantemente até formar uma fonte e um lago. Sofrendo por amor, ela pediu ao poderoso Tupã para que a transformasse em um pássaro, pois possuía o objetivo de visitar o cacique sem que ele a reconhecesse. O deus dos indígenas, Tupã, realizou o pedido da triste indígena e a transformou em pássaro. Porém, observando que o cacique amava verdadeiramente a sua bondosa esposa, a Oribici decidiu voar para o norte do país e acabou chegando nas matas da Amazônia. Procurando trazer conforto e consolar a tristeza que a indígena sentia, Tupã a transformou em um pássaro com um belo canto, e por isso ela vive cantando, a fim de esquecer a tristeza e a mágoa por não poder casar com a pessoa que ama, tornando-se o pássaro com o canto mais lindo da floresta.

A lenda do Uirapuru é uma narrativa que apresenta a existência de uma divindade, Tupã, que é reconhecido na língua tupi como “trovão”, o deus dos povos originários indígenas, traço que está interligado aos mitos etiológicos. Além disso, apresenta elementos da natureza, como a fonte e o lago que surgiram após o impiedoso

choro da indígena Oribici.

Eliade (1972, p.9) aponta que o conceito de mito está atrelado a um fato sagrado, e sendo ele sacro, torna-se verdadeiro, ressalta também a questão do mito cosmogônico, que se refere à origem e criação do mundo, pois a própria existência do Mundo faz prova sobre si. Dessa forma, entendemos que a divindade Tupã na lenda, reforça a sua veracidade, pois narra a história em que um deus participa ativamente da história. Para Eliade (1972, p. 9).

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.

Além disso, como mito etiológico, a transformação de Oribici em pássaro (Uirapuru) traz a característica fantástica e sobrenatural à tona, pois a ave surgiu a partir da sua solicitação a Tupã, que também é um personagem divino. Em consonância, temos a relação entre o ser humano e o divino, ressaltando o aspecto da espiritualidade. Assim como a lenda anterior, a atual narrativa dispõe de uma leitura muito fluida, trazendo perspectivas religiosas, fantásticas e românticas acerca do surgimento do pássaro.

#### A LENDA BRASILEIRA/AMAZÔNICA DO CURUPIRA

A lenda do Curupira também está presente na compilação de narrativas existentes na obra “*Leyendas de la Amazonia Brasileña*” (2011), em que se comenta sobre as características físicas do Curupira como sendo um “pequeno ser, de cabeça pelada, corpo coberto de pelos, pernas sem articulações, dentes azuis ou verdes, orelhas grandes, e com os pés voltados para trás” (Gómez, Palma, 2011, p.54). Além disso, é uma criatura que possui muita força, cuja função é proteger as florestas, então, quando observa alguém cometendo algum ato que possa fazer mal à natureza, ele pune

fazendo com que o indivíduo se perca. É um personagem que está presente em diversas lendas tanto na região Norte como no Sul do Brasil.

Em resumo, a lenda conta que o Curupira é um personagem da floresta que é famoso por perseguir caçadores utilizando assobios e a sua flecha mágica. Ele não permite que animais novos sejam mortos, nem aqueles que estejam amamentando, como as fêmeas. Quando há um indivíduo perdido na floresta, para se quebrar o feitiço feito pelo Curupira, é necessário fazer três cruzeiros de pau e colocá-los no chão de forma triangular, também fazer rodinhas de cipó e deixá-las ao chão. Alguns caçadores já até tentaram capturar o Curupira, porém utilizando os pés que são avessos, os rastros que ele deixa servem somente para confundir quem o procura.

A lenda do Curupira é muito conhecida no Brasil, e não necessariamente em territórios majoritariamente indígenas, mas também nas regiões urbanas. Ela ressalta, em sua composição, um personagem sobrenatural, com características físicas, a certo modo, tenebrosas, o que pode ser justificado com a missão que ele exerce, como protetor das florestas. Dotado de pés avessos, o Curupira provoca a ira de quem decide procurá-lo, pois não conseguirá achar alguém que fogetão bem. Além de ser um personagem do folclore indígena brasileiro, é possível traçar um paralelo com a divindade *Ka'a Iary*, que também é conhecida por sua atuação em defesa das florestas do Paraguai, em especial da erva-mate.

Ambos os personagens possuem aspectos espirituais fantásticos, que permeiam o imaginário religioso e mitológico de seus defensores. É novamente necessário destacar a valorização que os povos indígenas possuem acerca dos elementos da natureza, e por isso há grande diversidade de narrativas que perpassam por esse cenário. No entanto, para eles, não se trata apenas de plantas, ervas, ou animais, mas são elementos que estão inteiramente ligados com a sua própria vida, pois fazem parte de quem eles são, de como se representam e do que eles têm como riqueza. Campbell (1991) aponta sobre a questão da veracidade desses mitos, pois ainda que dessemelhantes por possuírem construções de diversas culturas e em períodos distintos, eles são verdadeiros porque agem na integração do indivíduo à sociedade e atuam como equilíbrio para a experiência de vida a que estão inseridos, demonstrando

extensão, o autor elucida que “todos são verdadeiros em diferentes sentidos. Toda mitologia tem a ver com a sabedoria da vida, relacionada a uma cultura específica, numa época específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza. Une o campo da natureza à minha natureza. É uma força harmonizadora. (Campbell, 1991, p.60).

Desse modo, a semelhança dessas narrativas conta não somente a história do Curupiraou a história da Ka’a Iary, e sim como os indígenas observam e tratam as suas crenças, como parte de quem são, da sua identidade como povo e de sua cultura. Em ambas lendas, observam-se os elementos etiológicos que embasam os mitos que delineiam as crenças dos povos indígenas, além de figurarem no rol de sua literatura geral, como exemplificamos pela existência de uma mesma narrativa contada por diversos olhares

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do estudo dos Mitos Etiológicos manifestado através de lendas/mitos/relatos do imaginário dos povos tradicionais indígenas não pode ser mensurada, uma vez que ela carrega em sua composição, riquezas literárias, históricas e sociais que auxiliam não somente no reconhecimento da Literatura Indígena para a sociedade, mas contribui para como ela observa a Literatura Oral e sua representatividade no repasse de valores e memórias culturais dos povos indígenas. A partir do entendimento que uma das temáticas centrais das narrativas indígenas é fomentada pela religiosidade e sua relação com a natureza, observamos que elas se constituem verdadeiras, pois trata-se de histórias sagradas com a presença de suas respectivas divindades, como exemplificado com a presença de Tupã na lenda do Uirapuru.

Com a referida pesquisa, pudemos constatar a teoria da universalidade dos mitos, em que suas composições, através de traços dos seus elementos, estão relacionadas através das culturas onde circulam, uma vez que são narrativas orais construídas e reproduzidas por povos indígenas na América Latina. As lendas analisadas demonstraram a sua verossimilhança em muitos aspectos, sejam em seus

âmbitos substantivos, tendo em vista a semelhança nos seus nomes, como na lenda da Mandioca onde as personagens que dão origem à raiz são Mani e Mandi, como na lenda do Urutau e do Uirapuru, em que as personagens que originaram o pássaro são denominadas *Uriti* e *Oribici*.

Ademais, semelhanças acerca de sua representatividade, como as lendas de *Ka'Iary* e a lenda do Curupira, em que ambos atuam na defesa de elementos da natureza, especificamente da floresta. Ademais, compreende-se que os Mitos Etiológicos, relacionados à Literatura Indígena, servem como moldes para suas análises e interpretações, mesmo que essa teoria não seja suficiente para esgotar os estudos sobre a Literatura Indígena, uma vez que ela é tão plural quanto rica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYARD, Jean- Pierre. *História das lendas*. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.

CABRALES, José Manuel. *Literatura Española y Latinoamericana 1*. Madrid: SGEL, 2015, p. 70-73.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Editora Palas Athena, 1991.

\_\_\_\_\_. *O herói de mil faces*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1949.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GÓMEZ PLATERO, Ana María Gómez; EHRICH, Victoria Palma. *Leyendas de la Amazonia brasileña*. Brasília: Consejería de Educación de la Embajada de España/Secretaría General Técnica, 2011. Disponível em: <https://www.educacionyfp.gob.es/brasil/dam/jcr:81a1f03b-7697-4240-bb0f-251ec75a1bc7/leyendasamazonas.pdf>. (edição bilingue, com proposta pedagógica no final).

MITOS ETIOLÓGICOS. Disponível em: (<https://maestrovirtuale.com/mito-etiologico-caracteristicas-e-exemplos/>). Acesso em: 18/03/2024.

MONTESINOS, Jorge. *Leyendas y creencias populares del Paraguay*.  
Asunción/Paraguay,2019.